

PERCEPÇÃO GEOGRÁFICA DO ESPAÇO E OS QUATRO ELEMENTOS ASTROLÓGICOS: REFLEXÃO SOBRE UMA INTERFACE ENTRE FENOMENOLOGIA E ASTROLOGIA

BÁRBARA HELENNI GEBARA SANTIN¹

Resumo: O trabalho proposto tem como objetivo resgatar um olhar humano e simbólico para as relações do ser humano com o meio ambiente, onde os valores e significados são criados através das experiências ocorridas no espaço e relacionar estas experiências com as quatro formas básicas de percebê-lo: de forma sensorial, sentimental, mental e espiritual, nas quais a Astrologia se baseia para criar os símbolos dos quatro elementos: Terra, Água, Ar e Fogo respectivamente. Como metodologia para a elaboração do trabalho foi realizada uma pesquisa bibliográfica, de cunho teórico, sobre estudos fenomenológicos na geografia humanista e cultural, onde são exploradas as relações entre ser humano e meio ambiente e a influência dos elementos astrológicos nos padrões de percepção do ser humano em relação ao espaço.

Palavras-chave: Percepção geográfica; elementos astrológicos; fenomenologia; geografia humanista.

Abstract: The suggested work has the goal of rescuing a human and symbolic view for the relations between the human being and the environment, where the values and meanings are created throughout experiences occurred on space and to connect these experiences with the four basic forms of perceiving: sensory, emotional, mental and spiritual form, on which the Astrology is based to create the four elements symbols: Earth, Water, Air and Fire respectively. The methodology for the work developing was based on a bibliographic research, of theoretical nature, about phenomenological studies in humanistic and cultural geography, where the relations between human and environment and the influence of the astrological elements on the human perceiving patterns of space are explored.

Key-words: Geographical perception; astrological elements; phenomenology; humanistic geography.

1 – Introdução

O trabalho proposto tem como objetivo resgatar um olhar humano e simbólico para as relações do ser humano com o meio ambiente, onde os valores e significados são criados através das experiências ocorridas no espaço (Cosgrove, 2003, 2012b; Dardel, 2011; Duncan, 2003; Tuan, 1983) e relacionar estas experiências com as quatro formas básicas de percebê-lo: de forma sensorial, sentimental, mental e espiritual (Tuan, 1983), nas quais a Astrologia se baseia para

1 - Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail de contato: barbarahelenni@gmail.com

criar os símbolos dos quatro elementos: Terra, Água, Ar e Fogo respectivamente (Arroyo, 1975; Hamaker-Zondag, 1989).

Como metodologia para a elaboração do trabalho foi realizada uma pesquisa bibliográfica, de cunho teórico, sobre estudos fenomenológicos na geografia humanista e cultural, onde são exploradas as relações entre ser humano e meio ambiente e a influência dos elementos astrológicos nos padrões de percepção do ser humano em relação ao espaço (Arroyo, 1975; Hamaker-Zondag, 1989). Como base principal para o referencial teórico, Dardel, Tuan, Arroyo e Hamaker-Zondag apresentam os principais meios de se realizar essa interface entre percepções geográficas e elementos astrológicos.

2 – A fenomenologia na geografia humanista

Na metodologia do presente trabalho, dentre vários autores adeptos da geografia humanista, Eric Dardel e Yi-Fu Tuan são os principais guias escolhidos para o desenvolvimento do referencial teórico. Estes dois autores abordam a geografia através de um olhar humano e sensível, onde a experiência da relação homem x Terra é imprescindível para um entendimento das percepções humanas perante o mundo. A interface percepções geográficas x elementos astrológicos procura se basear nesta visão.

As percepções são analisadas através das experiências pela fenomenologia – uma das estruturas filosóficas da geografia humanista (TUAN, 1976, 1983). As experiências espaciais humanas não são somente objetivas, mas também subjetivas e geralmente o são, sendo elas intencionais ou não, sendo o objetivo recapturar a estrutura essencial da percepção (RELPH, 1970; HOLZER, 2012). Em relação ao estudo das percepções, Tuan (1974) dizia que espaço e lugar devem ser analisados também através de pensamentos e sentimentos surgidos na experiência.

Existem outras áreas que estudam ou pensam a importância das percepções e experiências humanas, são elas a filosofia, a psicologia, a antropologia, a sociologia etc. – estas fazem parte da construção teórica da geografia humanista (HOLZER, 2012). E há também uma área que luta pelo reconhecimento científico – apesar de muitos de seus estudiosos a considerarem como ciência – e que estuda profundamente as percepções e experiências: a astrologia. Juntamente com a

psicologia, a astrologia é utilizada para estudos das influências dos astros e elementos na personalidade e comportamento do ser humano e no planeta Terra (ARROYO, 1975; HAMAKER-ZONDAG, 1989; RUDHYAR, 1989). O foco astrológico do presente trabalho serão os elementos astrológicos.

3 – Os elementos astrológicos: uma breve introdução

A área da astrologia que descreve as percepções de acordo com as experiências humanas é a base de estudos e interpretações da mesma: os elementos astrológicos, que são quatro: terra, água, ar e fogo (ARROYO, 1975; HAMAKER-ZONDAG, 1989). Assim como são a base da astrologia, são também a base dos elementos físicos terrestres e, conseqüentemente, da vida no planeta Terra (ARROYO, 1975; RUDHYAR, 1989; DARDEL, 2011). Estes elementos vão além da química material na astrologia, agindo como descrições de percepção e comportamento do ser humano e como símbolos de tais eventos (ARROYO, 1975; TUAN, 1983; HAMAKER-ZONDAG, 1989; RUDHYAR, 1989).

Muitas culturas em todo o mundo utilizam os quatro elementos em tradições religiosas, filosóficas e mitológicas, mas, além disso, eles foram considerados a base da realidade (ARROYO, 1975; TUAN, 1983). Segundo Arroyo (1975), Hamaker-Zondag (1989), Martins (1995) e Dardel (2011), os quatro elementos constroem as estruturas da vida e seus processos. Em relação a isso, Arroyo diz que

Os elementos fogo e ar também têm sido relacionados com atividade e leveza, uma vez que o ar e o fogo tendem a espalhar-se e a subir, estendendo-se para um perímetro no espaço. A terra e a água têm sido relacionadas com gravidade e inércia, desde que tendem a estar sob a influência da gravidade e, conseqüentemente, a se concentrar e acumular num nível mais inferior (ARROYO, 1975, p. 107).

Então as características dos elementos em seu estado simbólico estão arraigadas a seus conceitos físicos. Assim como diz Cosgrove (2012a), os elementos, sendo eles naturais, são símbolos que falam por si mesmos, mesmo dependendo da percepção e experiência do homem para se tornarem símbolos repletos de significados.

4 – Percepção e experiência e os quatro elementos terrestres e astrológicos

É por meio da experiência que uma pessoa passa a ter conhecimento e construir a realidade geográfica (TUAN, 1983). Como vivemos em um mundo de dualidades (complementares), assim também o é a experiência, podendo ser ela passiva ou ativa. Conforme Tuan (1983), a experiência é passiva quando sofremos influências externas, quando passamos por algo inevitável, que foge a nosso controle; e ativa quando nos propomos a experimentar, quando raciocinamos sobre certos eventos. De qualquer maneira, as experiências estão sempre ligadas ao ambiente externo, sentimos e pensamos com frequência sobre algo externo a nós (DARDEL, 2011).

Todo ato de experimentar inclui e depende do ato de perceber. Assim como existem experiências passivas e ativas, também há tal diferença entre as percepções. Percepções passivas são aquelas que atingem o indivíduo, vindas do mundo exterior, da mesma maneira que as experiências, as percepções passivas são aquelas sobre as quais o homem não possui controle: sensação e intuição (ARROYO, 1975; TUAN, 1983; HAMAKER-ZONDAG, 1989). Quando uma brisa atinge a pele e o corpo sente é um exemplo de sensação (recebida do ambiente externo pelo homem); quando de repente se adquire conhecimento sobre algo sem que haja interferência de raciocínio é intuição (que surge do ambiente externo) (JUNG, 2008). Percepções ativas são manifestações criadas pelo indivíduo a partir das percepções passivas (sensação ou intuição), onde ele interage com o ambiente externo, respondendo a suas influências – e o influenciando – através de sentimento e pensamento (ARROYO, 1975; TUAN, 1983; HAMAKER-ZONDAG, 1989). O sentimento é criado pelo homem através dos órgãos sensoriais – que, segundo Tuan (1983) são eles: visão, tato (de modo mais refinado, audição, olfato e paladar) e cinestesia – e julgamento; o pensamento é criado através do julgamento instantâneo de uma sensação ou intuição e também do questionamento natural do ser humano perante os acontecimentos da vida (TUAN, 1983; HAMAKER-ZONDAG, 1989).

Então a “oposição” passivo x ativo ocorre como uma troca entre indivíduo e meio ambiente, surgindo daí a relação entre o homem e a Terra. É a partir das percepções passivas que o ser humano é influenciado pelo meio ambiente e a partir

das percepções ativas que ele o influencia, criando significados e símbolos (TUAN, 1983; BERQUE, 1999; DARDEL, 2011).

Os quatro elementos astrológicos – e terrestres – são símbolos que representam essas percepções geográficas. Eles são ao mesmo tempo símbolos e “forças vitais que compõem toda a criação e que pode ser percebida pelos sentidos físicos (...) [e] abrangem tudo o que normalmente percebemos e experimentamos” (ARROYO, 1975, p. 100-101).

Hamaker-Zondag dá exemplos das quatro percepções relacionadas aos elementos astrológicos de forma clara:

Sensação: perceber um objeto como tal e ver como se apresenta, por exemplo - duro, áspero, quente, etc. Isto corresponde ao elemento terra.

Pensamento: perguntar o que é realmente o objeto percebido e como ele pode ser incorporado ao esquema de referência existente. Isto corresponde ao elemento ar.

Sentimento: experimentar o que o objeto percebido desperta em forma de desejo ou aversão e, conseqüentemente, aceitá-lo ou não. Por exemplo, ‘o que estou vendo é agradável, é satisfatório ou não?’ Isto corresponde ao elemento água.

Intuição: saber ou deduzir inconscientemente de onde vem o objeto percebido ou como ele evoluirá mais adiante. Com frequência o objeto não é percebido conscientemente, ocorrendo uma espécie de ‘captação’ do fundo. Esta função corresponde ao elemento fogo (HAMAKER-ZONDAG, 1989, p. 16).

Então a interface entre percepção geográfica e elementos astrológicos se dá da seguinte forma: Quando o indivíduo experimenta um espaço ou lugar de forma física, através do corpo e seus sentidos – visão, audição, tato, olfato e paladar –, ele o está percebendo de acordo com o elemento terra; Quando o indivíduo experimenta um espaço ou lugar de forma sentimental ou emocional, através dos sentimentos que se estabelece em certos lugares, ele o está percebendo de acordo com o elemento água; Quando o indivíduo experimenta um espaço ou lugar de forma mental, através do julgamento ou interpretação que se tem do ambiente, ele o está percebendo de acordo com o elemento ar; E quando o indivíduo experimenta um espaço ou lugar de forma espiritual, através de conexões divinas ou sagradas que um lugar proporciona, ele o está percebendo de acordo com o elemento fogo.

Existe uma necessidade social, individual, psicológica e espiritual de criar significados, de acordo com sensações que percebemos, para espaços e lugares. Lugares à parte, Relph (1970) falava dos diferentes tipos de espaços: espaço

primitivo, espaço perceptivo, espaço vivido, espaço arquitetônico, espaço cognitivo e espaço abstrato. Assim como Relph denomina os diferentes tipos de espaço, Dardel também o faz. Dardel (2011) ainda fala sobre os espaços elementais: Material ou terrestre, telúrico, aquático e aéreo, descrevendo-os de acordo com seus elementos físicos e seus respectivos significados, sendo possível assim a relação destes espaços com os quatro elementos astrológicos. A interface entre essas duas visões dos elementos astrológicos e terrestres é possível quando se analisa as descrições das características destes elementos e as descrições dos tipos de espaço que Dardel (2011) apresenta.

5 – Os espaços de Dardel e os quatro elementos astrológicos

5.1 – Espaço material e o elemento terra

O elemento terra representa matéria, resistência, estabilidade, serenidade e o universo das formas e estruturas que, de uma maneira direta, passam primeiramente pelas sensações físicas e que são encaradas como real (ARROYO, 1975; HAMAKER-ZONDAG, 1989). Dardel (2011) apresenta exemplos dos significados que o ser humano dá ao espaço material, relacionados à essência do elemento terra, ele diz que

é a Terra que (...) *estabiliza* a existência. No ritmo da vida, ela traz o elemento de repouso e de abrandamento que modera sua inquietude e sua tensão. Uma calma e um equilíbrio emanam das grandes planícies, das montanhas (...), do trabalho na terra, da vegetação (DARDEL, 2011, p. 43).

O autor também fala sobre o fato de o ser humano perceber a matéria e expressar essa percepção por meio de falas do tipo: “a floresta é espessa”, “tal região é quente”, ele dá significado a essas percepções, antes mesmo de aprendê-las mentalmente.

5.2 – Espaço telúrico e o elemento fogo

“O elemento fogo se refere a uma energia universal irradiante, (...) excitável e entusiástica e que, através da sua luz, dá colorido ao mundo” (ARROYO, 1975, p. 107). Segundo Arroyo (1975) e Hamaker-Zondag (1989), fogo é um elemento dinâmico que representa descoberta, possibilidades, intuição e espiritualidade.

Dardel (2011) descreve semelhanças do espaço telúrico com o elemento fogo. Para o autor, o espaço telúrico está repleto de significado, dinamismo e mistério, coisas que o elemento fogo representa. O espaço telúrico, apesar de estar ligado à percepção terrestre, também representa os significados que o ser humano deposita nele, então se fala sobre este espaço como um “mistério da natureza” (DARDEL, 2011, p. 16). Dardel ainda fala que

[o] poder telúrico da pedra viva e da vida petrificada, não está [limitado] à superfície visível das coisas. A superfície é somente a zona de aparição das forças ocultas; a subida à superfície do sagrado revela uma presença difusa, sempre pronta a se mostrar sem se libertar. (...) desse mundo em que o visível é apenas o dom revogável de um poder invisível (2011, p. 52-53).

Sobre essa ligação do espaço telúrico com o elemento fogo, Arroyo (1975, p. 106) fala que “o corpo ‘vital’ está estreitamente relacionado com o corpo físico”. A essência do corpo físico é espiritual, é animada, assim como o homem simboliza a Terra com esta conotação (TUAN, 1983; DARDEL, 2011).

5.3 – Espaço aquático e o elemento água

O elemento água representa o mundo das emoções e das reações sentimentais, da tranquilidade e também da inquietude, representa as relações afetivas com pessoas, objetos e lugares (ARROYO, 1975; HAMAKER-ZONDAG, 1989).

Dardel (2011) fala sobre o espaço aquático assemelhando-o com os sentimentos e com o movimento e a fluidez da vida. Assim como existem as águas que estão em constante movimento, existem as águas paradas. Assim como as águas movimentadas representam a fluidez, a saúde, a vida, as águas paradas representam estagnação, doença, morte. Ambas em sentido físico e emocional. A água ainda possui mais movimento que a terra e segundo Michelet (1934), a água fala com a terra, “o espaço oceânico é como uma voz que surge das profundezas e vem vibrar na superfície” (DARDEL, 2011, p. 22), utilizando o corpo humano como referência para estas metáforas terrestres, é como o sentimento que “fala” ao corpo, como um sentimento profundo que em qualquer momento vem à tona.

A água, ainda segundo Dardel (2011, p. 21) é “um repouso logrado de uma inquietude. (...) a água mais calma responde ao sopro que a faz ondular. (...) é

revelação da profundidade”. Isto comparado ao elemento astrológico corresponde às características de inquietude e profundidade, ao mesmo passo que “o sopro que a faz ondular” vem das percepções passivas que o ambiente externo proporciona ao homem e se transformam em sentimento.

5.4 – Espaço aéreo e o elementos ar

O elemento ar representa o mundo das ideias, dos pensamentos abstratos, do raciocínio lógico, da relação entre fatos, possui características relacionadas à leveza, à flexibilidade e à comunicação. (ARROYO, 1975; HAMAKER-ZONDAG, 1989).

Segundo Dardel,

O espaço geográfico é atmosfera: elementos sutil e difuso em que se banham todos os aspectos da Terra. Invisível, e sempre presente. Permanente e, no entanto, cambiante. (...) Ele dá (...) ao homem o sentido de suas tarefas. Somos já inteligência desde que amanhece o dia, a nossa atenção é o apelo que ele nos lança para realizar nosso vir a ser (DARDEL, 2011, p. 23-24).

O ar está presente na atmosfera assim como está presente no ser humano. Ele dá a inteligência mental e interpreta o sentido das ações do homem. O ar, apesar de sua constância, está sempre em movimento e possui flexibilidade para se fazer presente em qualquer lugar. Dardel (2011, p. 38) ainda diz que “o azul do céu age sobre nós (...) como força aérea que (...) convida ao sonho e à especulação”.

Os elementos físicos ou terrestres e seu significado astrológico, de uma maneira geral, estão ligados às maneiras de o homem perceber o mundo através do uso de tais significados no comportamento e nas atividades do cotidiano. Por exemplo: Quando estamos nos sentindo “sem chão”, estamos “aéreos” ou agitados, colocar os pés na terra significa um ato que acalma, que estabiliza, lembra que os indivíduos estão “enraizados a terra”; Quando sofremos um forte impacto emocional recomenda-se beber um copo d’água para equilibrar as emoções ou, como cita Dardel (2011), mergulhar nas águas para que ela renove a energia vital do ser; Quando estamos de “cabeça cheia”, estressados, saímos para “tomar um ar”, “esfriar a cabeça”, “espairecer” (radical da palavra: ar). Tuan (2012) fala do hábito de caminhar (um exercício aeróbico) para pensar – para os gregos e romanos este ato estava ligado à elevação mental – ou para clarear a mente; Quando sentimos

necessidade de nos conectarmos espiritualmente, existe o hábito, em muitas culturas, de acender uma vela (elemento fogo). Ou seja, a vida cotidiana e o espaço estão impregnados desses significados elementais.

Cosgrove (2003) lembra-nos que os significados que embutimos no espaço e nas paisagens estão presentes por meio do trabalho e da consciência. Segundo Tuan (1983), Dardel (2011) e Cosgrove (2012b), a linguagem também carrega este potencial simbólico e subjetivo, fazendo surgir a expressão do imaginário coletivo, no qual crenças e interpretações do universo são expressas, nascendo assim a intersubjetividade, onde os símbolos são compartilhados de acordo com diferentes níveis de consciência: cósmica, onírica ou poética. A simbologia cósmica, por exemplo – com a qual o presente trabalho procura interagir –, surge da imaginação humana em relação ao mundo físico, criando um significado para o objeto que o transcende e o transforma em símbolo (CORRÊA; ROSENDAHL, 2012) de aproximação e/ou conexão com a Terra, sabendo que seu “significado varia entre uma cultura e outra, apesar de apresentar consistências marcantes” (COSGROVE, 2012b, p. 108).

Os elementos básicos da natureza e seus significados astrológicos estão presentes há séculos no imaginário e no consciente e inconsciente coletivo (DUNCAN, 2003; JUNG, 2008). Estes elementos permeiam as percepções e o imaginário coletivo de maneira física e simbólica respectivamente, onde cada um deles possui um conjunto de significados que têm muitos aspectos em comum em diversas culturas do planeta (ARROYO, 1975; RUDHYAR, 1989; HAMAKER-ZONDAG, 1989; JUNG, 2008; DARDEL, 2011), de modo que tais significados passam a fazer parte da paisagem e também da comparação da Terra com o corpo e as percepções humanas (TUAN, 1983; COSGROVE; JACKSON, 2003; COSGROVE, 2012b; DARDEL, 2011).

Assim como o homem realiza uma conexão dos elementos terrestres com suas percepções, ele também percebe suas influências e as transforma e materializa (MELLO, 1993; CLAVAL, 2012) – como acontece com a cultura (COSGROVE, 2012a) –, como é o caso do exemplo que Dardel (2011, p. 39) cita sobre a ressonância da realidade geográfica no homem: “Foi dado a Beethoven, a Weber, a Debussy o dom de perceber e de transmitir a harmonia musical pelo

espaço campestre, silvestre ou marinho”. Duncan (2003, p. 69) cita o exemplo das construções materiais quando diz que a “evolução da cultura é baseada nos fluxos de energia que são capturados e postos em ação pela sociedade através da tecnologia”. Ora, os quatro elementos terrestres e astrológicos são fluxos de energia, os quais influenciam e sempre influenciaram o ser humano e, a partir deles o homem recria os próprios significados para os elementos e constrói a partir deles. Exemplos disso são a arquitetura e os transportes terrestres relacionados à necessidade da materialização, direção e da concretude (elemento terra); a navegação relacionada à necessidade de troca e ligação com outros lugares (elemento água); a aviação e as comunicações e suas transmissões relacionadas à necessidade de comunicação, rapidez e flexibilidade (elemento ar); e a criação de lugares sagrados relacionados à necessidade de religação com o divino (elemento fogo) (ARROYO, 1975; TUAN, 1983; RUDHYAR, 1989; HAMAKER-ZONDAG, 1989; DARDEL, 2011).

6 – Considerações finais

É perceptível a semelhança entre os significados astrológicos dos elementos terra, água, ar e fogo e suas características físicas. A presença dos quatro elementos – terrestres e astrológicos – no espaço natural e cultural é imprescindível para a manutenção da vida e para a assimilação das percepções e experiências humanas. É a partir deles que o homem passa a conhecer, a sentir e a pensar seu espaço de trabalho, de convívio, de lazer, de integração e de aprendizado. Yi-Fu Tuan e Eric Dardel colaboram para esse estudo geográfico dos elementos astrológicos com suas interpretações sobre percepção e experiência em suas palavras sobre espaço, lugar e a relação do homem com a Terra.

A geografia encontra assim na astrologia uma área de conhecimento que pode colaborar com os estudos geográficos da subjetividade e da relação do homem com a simbologia, criando-se uma interface entre o mundo geográfico concreto e de significados e o mundo simbólico da astrologia.

O ser humano, para seu próprio entendimento como ser, necessita da troca, pois ele precisa do alimento e das energias externas para sobreviver, assim como necessita expressar-se ao meio para viver. A relação é algo inevitável para o ser humano, seja ela com pessoas, animais, objetos, lugares etc., levando-o à diversas

percepções e experiências que ele realiza para conhecer a Terra e, a partir disto, conhecer a si mesmo. O homem e sua cultura estão arraigados à Terra. Cultura e natureza não são coisas distintas, mas complementares, assim como a simbologia humana é complementar à concretude terrestre.

Referências bibliográficas

ARROYO, Stephen. Astrologia, psicologia e os quatro elementos. São Paulo: Pensamento, 1975.

BERQUE, Augustin. et al. Mouvance: Cinquante mots pour le paysage. Paris: Editions de la Villette, 1999.

CLAVAL, Paul. A paisagem dos geógrafos. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny. **Geografia cultural: Uma antologia (vol. 1)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012, p. 245-276.

CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny. A geografia cultural brasileira: Uma avaliação preliminar. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny. **Geografia cultural: Uma antologia (vol. 1)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012, p. 87-103.

COSGROVE, Denis. Em direção a uma geografia cultural radical: Problemas da teoria. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny. **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 103-134.

_____. A geografia está em toda parte: Cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny. **Geografia cultural: Uma antologia (vol. 1)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012a, p. 219-237.

_____. Mundos de significados: Geografia cultural e imaginação. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny. **Geografia cultural: Uma antologia (vol. 1)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012b, p. 105-118.

COSGROVE, Denis e JACKSON, Peter. Novos rumos da geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny. **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 135-146.

DARDEL, Eric. O homem e a Terra: Natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DUNCAN, James. O supra-orgânico na geografia cultural americana. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny. **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 63-102.

HAMAKER-ZONDAG, Karen. Os quatro elementos e os caminhos da energia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

HOLZER, Werter. A geografia humanista: Uma revisão. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny. **Geografia cultural: Uma antologia (vol. 1)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012, p. 165-178.

JUNG, Carl Gustav. O homem e seus símbolos. 2^o edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

MARTINS, R. A. A influência de Aristóteles na obra astrológica de Ptolomeu (O *Tetrabiblos*). **Trans/Form/Ação**, vol. 18, p. 51-78, 1995.

MELLO, João Baptista Ferreira de. A humanização da natureza: Uma odisséia para a (re)conquista do paraíso. In: MESQUITA, Olindina Vianna e SILVA, Solange Tietzmann. **Geografia e Questão Ambiental**. Rio de Janeiro: IBGE, 1993, p. 31-40.

MICHELET, Jules. *Tableau de la France*. Paris: Les Belles Lettres, 1934.

RELPH, E. An inquiry into the relations between phenomenology and geography. **Canadian Geographers**, vol. 14, n. 3, p. 193-201, 1970.

RUDHYAR, Dane. Astrologia da personalidade: Uma reformulação de conceitos e ideais astrológicos em termos de psicologia e filosofia contemporâneas. São Paulo: Pensamento, 1989.

TUAN, Y. Space and place: Humanistic perspective. **Progress in Geography**, vol. 6, p. 211-252, 1974.

_____. Humanistic geography. **Annals of the Association of the American Geographers**, vol. 66, n. 2, p. 266-276, 1976.

_____. Espaço e lugar: A perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

_____. On walking. **Dear Colleague Letters**. University of Wisconsin, 2012. <http://www.yifutuan.org/archive/2012/2012onwalking.htm>, acesso em: 30 de maio de 2015.